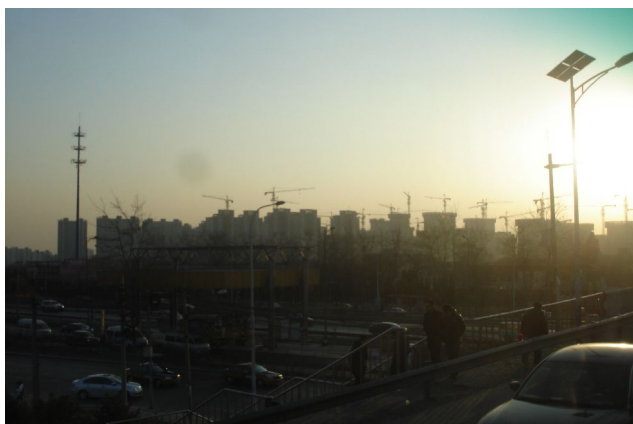


Nihao

A décima terceira semana foi a dos primeiros contatos do Edilton e do Eduardo com a China e a nossa ida a Hong Kong para estender o visto. Pois é, tivemos que ir para Hong Kong!



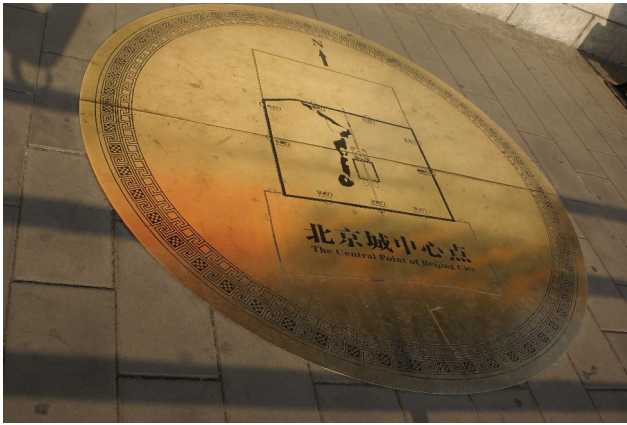
A primeira impressão do Edilton sobre Beijing é a de uma cidade em plenas mudanças. O número de obras é impressionante. Notem a quantidade de guindastes.

Futuro parque de Ciências que simboliza a mudança de deixar de simplesmente “feito na China” para “criado na China”.

O nosso primeiro passeio juntos em Beijing começou pelo ponto central da cidade. Na segunda-feira fomos ao Parque Jingshan que fornece uma bela vista da Cidade Proibida. Na saída do parque almoçamos num restaurante chinês. O Edilton comeu até a cabeça dos peixes e o Eduardo elogiou a comida o dia todo. Pelo jeito os dois não terão problemas com a comida chinesa. Depois passamos a tarde na Cidade Proibida. Os dois haviam feito a lição de casa e assistido ao filme “O último imperador” e lembraram algumas cenas ao visitar o local. Ficamos lá até fecharem os portões, o que nos possibilitou vivenciar a Cidade Proibida quase deserta. Na saída fomos à Praça Tian'an men e encerramos a jornada em frente à foto do Mao Tse Tung.



Vista da cidade proibida a partir do parque Jingshan.



Ponto central de Beijing.



Edilton traçando a cabeça do peixe.



Observando a quase pista de patinação no gelo.
Águas congeladas.



Na cidade proibida.



Edilton carregando o pavilhão central.



Os leões de guarda do palácio.



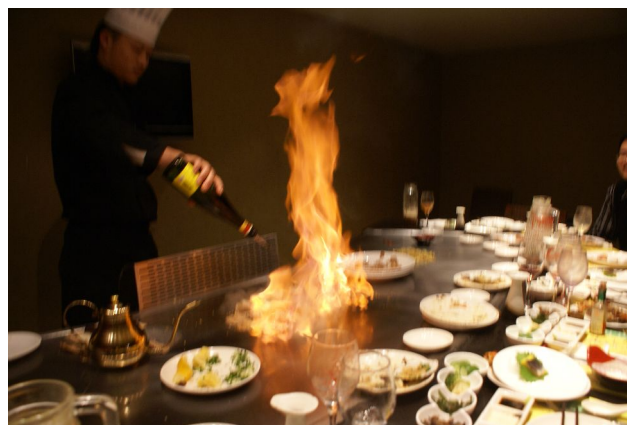
Saindo da Cidade Proibida.



Diante da foto do Mao Tse Tung.

Chegamos em casa cansados e fomos dormir cedo. Às 23h30 fomos acordados pela portaria avisando que a Air China havia acabado de entregar a mala que faltava. Peguei a mala e logo voltamos a dormir.

Na terça fomos almoçar com a Yan, esposa do Ya-Xiang. Para escrever o nome dela usa-se três vezes o caracter chinês que significa fogo. É muito fogo e por isso ela não gosta. Prefere o apelido “Jia-Rui”. Um dia antes o Zaikun me ligou perguntando o que gostaríamos de comer, a que respondi sem pestanejar, que o restaurante onde havia conhecido a “Jia-Rui” era memorável. E foi onde almoçamos, naquele restaurante onde ficamos em torno de uma chapa quente e o cozinheiro prepara os pratos na nossa frente. O banquete fechou com fogo no sorvete bem fotografado pelo Eduardo. Após o almoço fomos para o Instituto onde Edilton e Eduardo também acompanharam o seminário do dia. Apresentei os dois ao grupo e servimos panetones trazidos do Brasil.



Na volta de casa, Edilton disse estar impressionado com a minha desenvoltura pelos caminhos em Beijing. Pareço estar bem adaptada à cidade. E Eduardo me fez um pedido. Pediu para que nos próximos 2 anos eu não faça uma viagem longa. Ele disse que tudo fica muito solitário sem mim. Um pedido destes tem que ser levado em consideração.

Na quarta fomos à Muralha da China. Fomos com ônibus 919, de linha, o que levou cerca de uma hora. Subimos de teleférico, passeamos pela muralha, tiramos muitas fotos e descemos a pé. Estava frio mas com céu azulado e sem vento. Ao descer da Muralha, num dos últimos degraus, Eduardo me disse que havia visto um senhor cair. E como que em forma de apoio a este senhor, eu

virei meu pé no mesmo degrau. Logo após, uma senhora apareceu vendendo miniaturas da muralha a 5 RMB. Falei que comprava 10 por 25 RMB. Ela disse que aceitava por 30 RMB. Negócio fechado. Em seguida paramos em algumas lojinhas que nos pediram 35 RMB por uma miniatura da muralha idêntica a que compramos por 3. Até a embalagem era a mesma. Almoçamos e voltamos a uma das lojinhas para tentar fazer uma pechincha.

- Qual o preço desta miniatura?
- 35 RMB.
- Eu gostaria de 20 unidades por 50 RMB.
- ?
- Sim, 20 unidades por 50 RMB.
- 120 RMB.
- Não, 50.
- 100.
- Olha, eu já tenho 10 unidades. Veja.

Mostro a mochila com as miniaturas que já havíamos comprado.

- 100.
- Olha, veja. Gostaria de 20 por 50 RMB.
- 60.
- OK.

E rapidamente ela empacota as miniaturas. O valor unitário inicial era 35. Pagamos 3 RMB. Começamos a gostar da brincadeira e as muralhas de vocês já estão garantidas.



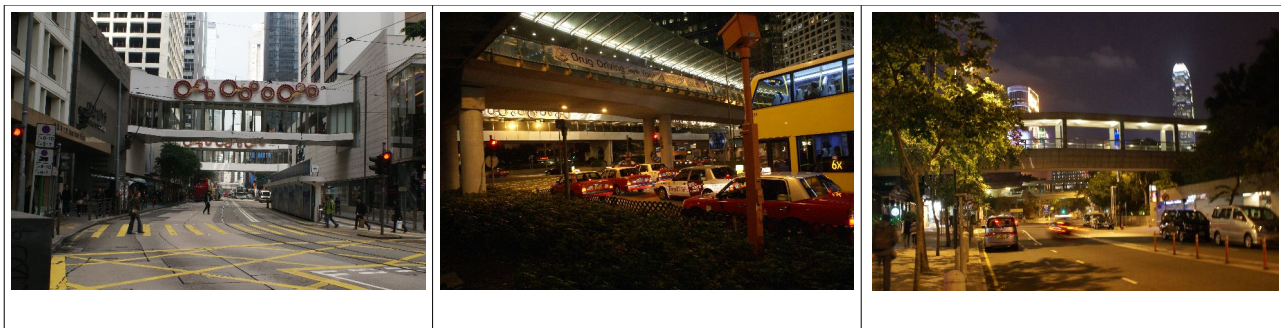
Voltamos com o ônibus 919 e fomos direto ao Banco da China para tentar pegar dólares de Hong Kong. Chegamos ao banco às 16h20. Tinha umas 10 pessoas na nossa frente. O banco fecha às 17h. Quando chegou nossa vez o banco já estava fechado e a mocinha nos disse que não podia fazer mais o câmbio de dólar americano para dólar de Hong Kong. Argumentei que havia chegado cedo, que viajaria na manhã seguinte, mas minha argumentação só serviu para que ela trocasse para dólar de Hong Kong o pouco que tínhamos de RMB na carteira.

Na quinta fomos cedinho para o aeroporto. Passamos pelo controle de passaportes e recebi o carimbo de saída da China que eu precisava. Ao chegar no aeroporto de Hong Kong fomos ao balcão de informações. Por brincadeira, o Edilton perguntou se havia mapa em português. O Arthur, um dos atendentes, disse que não mas, todo entusiasmado, perguntou o significado de “água de beber”. Conversamos sobre Tom Jobim, bossa nova e demos nossa interpretação da música. O Arthur nos deu boas dicas. Uma delas foi a aquisição do cartão “Octopus”, aceito no metrô, nos ônibus e praticamente em todo estabelecimento comercial de Hong Kong. Chegamos no hotel com

o ônibus indicado pelo Arthur e gostamos da vista da Baía Vitória do quarto do hotel. Almoçamos e fomos a um Banco da China para retirar dinheiro da minha conta. Para minha surpresa e irritação fui avisada de que o Banco da China, abre parênteses, Hong Kong, fecha parênteses não tem qualquer relação com o Banco da China.



Hong Kong é linda e moderna. A vista da Baía Vitória é incrível. A miscigenação é grande, diferentemente de Beijing. Mas a cidade tem um ar impessoal. A gente atravessa as largas avenidas através das passarelas que entram e saem dos prédios comerciais. Isto dá um ar artificial à cidade e a sensação de que estamos num imenso shopping, o que me incomodou um pouco. Repara nas fotos abaixo as passarelas ligando os prédios.



O clima na China é bastante seco o que me deixa com um pigarro. O palpite é que a mania dos chineses de cuspir no chão é culpa do clima. Após caminhar horas pelas escadas e passarelas de Hong Kong, meu pé que eu havia torcido na muralha estava super inchado. Na quinta à noite senti os primeiros sinais de herpes labial e o remédio havia ficado em Beijing. Herpes labial resolve-se rápido se a gente passa “zovirax” logo após o primeiro sintoma. E assim estava eu: pigarrenta, manca, com herpes labial e ainda por cima, sem dinheiro. Numa situação longe da idealizada para uma esposa que ficou meses sem ver o marido. Mas é tudo uma questão de tempo.

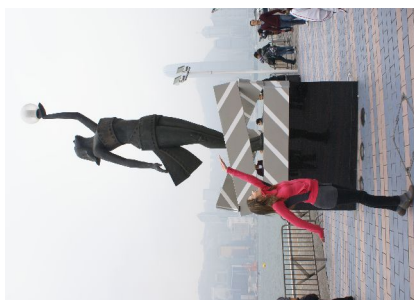
Nosso hotel era na ilha de Hong Kong. Na sexta-feira atravessamos de ferry a Baía Vitória e passeamos pela Avenida das Estrelas.



O lado da ilha.

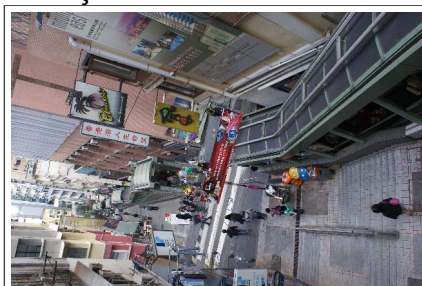


O lado do continente.



E aquele velho problema da desobediência das fotos verticais herdadas de outra máquina que não a minha. Sim, agora a maioria das fotos são da máquina do Edilton.

No sábado passeamos pela região da estação central de Hong Kong. Interessantes ruelas, longa sequência de escadas rolantes, ótimos restaurantes, uma mistura do oriental com o ocidental. Almoçamos num restaurante chamado “Comida Grill”.

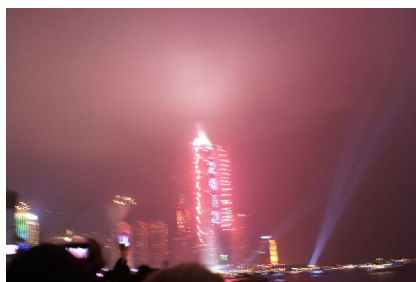
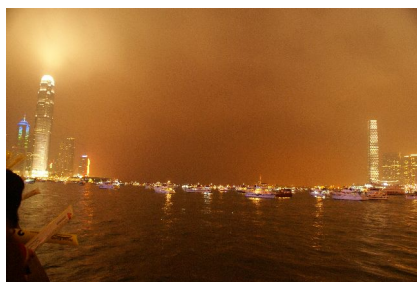


A maior sequência de escadas rolantes do mundo.

Ruelas.

Templo de Man-Mo. Os cones espirais são incensos.

Na contagem regressiva fomos apreciar os fogos de um dos cartões postais do mundo. Desejamos a todos um maravilhoso 2012, com muitas alegrias. Sobretudo plena saúde, por que todo o resto a gente dá um jeito. Como dizem os chineses: “xin nian hao”!



Hong Kong, 1º de janeiro de 2012.

Beijos,

Elizabeth